

## NOTAS SOBRE RAUL POMPÉIA E A CRÍTICA DE ARTE<sup>1</sup>

Éder Silveira<sup>2</sup>

Palavras-chave: Raul Pompéia, crítica de arte, crônica

Apesar de Raul Pompéia (1863-1895) ser um dos nomes canônicos da história da literatura brasileira, quase tudo o que se escreve a seu respeito, ainda hoje, se concentra em sua obra máxima, *O Ateneu* (1888). É bastante provável que as circunstâncias que cercaram a sua vida e a sua obra tenham contribuído para que ele tenha se tornado, na prática, mais um autor de um só livro. Ainda que os poemas em prosa de *Canções sem Metro* ou a sátira *As jóias da Coroa* sejam criações literárias de grande interesse, assim como o são os seus escritos políticos, as suas crônicas do cotidiano e as suas crônicas sobre a arte, esse material pouco se estuda.

Excetuando-se a “crônica de saudades” do menino Sérgio, os trabalhos de Pompéia não têm merecido edições críticas cuidadosas e são relativamente escassos os estudos sobre a totalidade de sua obra.<sup>3</sup> Longe de qualquer tentativa de desmerecer a obra *O Ateneu* ou os seus estudiosos, minha intenção aqui é chamar a atenção para aspectos de sua criação que ajudam, a um só tempo, a complexificar a sua persona artística e a compreender aspectos decisivos da cultura brasileira do último quartel do século XIX.

No presente trabalho interessam, em especial, as relações de Raul Pompéia com as artes visuais. Estas se manifestaram por meio de suas crônicas ou sobre as artes, em seu trabalho artístico como desenhista e ilustrador e em sua atuação na reforma da Academia de Belas Artes, quando da instalação do regime republicano no Brasil.<sup>4</sup>

São três os aspectos de sua atuação no ainda incipiente campo artístico brasileiro que, em

---

1 Esse trabalho é o primeiro resultado de uma pesquisa, ora em curso, sobre os escritos de Raul Pompéia sobre as artes visuais. Agradeço ao Dr. José Augusto Avancini, quem primeiro chamou minha atenção para essa faceta de Pompéia.

2 Doutor em História pela UFRGS.

3 Um dos poucos estudos que procura compreender o pensamento de Pompéia de forma mais abrangente é: SILVA, Marciano Lopes e. *O mal de D. Quixote*. Romantismo e filosofia da história na obra de Raul Pompéia. São Paulo: Unesp, 2008. Em um rápido levantamento na base de teses e dissertações do Capes constatei que, a partir de 1987, foram defendidos cerca de 30 trabalhos que tinham como tema Raul Pompéia, sendo que destes apenas 4 tratavam de obras que não fossem *O Ateneu*.

4 Nesse sentido, é preciso mencionar: GOMES, Eugenio. A sátira da oratória n' *O Ateneu*. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958; PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lautréamont e Raul Pompéia. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O Ateneu*. Retórica e paixão. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1988; ALMEIDA, Teresa de. Retórica do alimento. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O Ateneu*. Retórica e paixão. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1988.

grande medida, tem em sua atuação na imprensa o elemento unificador. O século XIX foi marcado no Brasil por uma grande profusão de jornais e revistas que se tornam o *locus* de todos os grandes debates da época. Foi nas páginas desses impressos que Pompéia pôde fundir seu ardor político republicano e sua vocação artística.<sup>5</sup> Ele inicia no jornalismo cedo. Sua primeira investida foi o pequeno jornal *O Archote*, criado por ele quando estudante do Colégio Pedro II. No entanto, é durante o curso de Direito, logo a partir do momento em que chega a São Paulo, que a sua veia de polemista começa a ganhar maior força. Imediatamente passa a publicar no jornal *A Comédia*, criado por Silva Jardim e Valentim Magalhães. Ali, ao lado de Raimundo Correia, Eduardo Prado e Luiz Murat publica algumas crônicas e desenhos. Em junho de 1881, o mesmo grupo lança *Entr'acto*, mais tarde rebatizado *O Bohêmio*.

A partir das páginas desse pequeno jornal, transformado em trincheira republicana, o grupo fustigou católicos e escravocratas, em geral representados, respectivamente pelo *Monitor Católico* e pelo *Diário de Campinas*. O ponto alto da disputa, segundo Camil Capaz, foi quando, “entre outros ataques, Pompéia saiu-se com uma caricatura de um burro crucificado entre dois porcos. Como era de esperar-se, a reação contra o mau gosto da sátira foi unânime, inclusive por parte de jornais do Rio de Janeiro”.<sup>6</sup>

O tipo de caricatura criada por Pompéia remete, pelos elementos em comum, à trabalhos encontrados em revistas francesas marcadamente de crítica social, como *Diable au Paris*, ou mesmo publicações nacionais como *O Diabo Coxo*. De qualquer forma, nesse campo é preciso especular, uma vez que não há uma listagem confiável das revistas consumidas por Pompéia. Essa seria uma informação importante para uma melhor compreensão da cultura visual oitocentista e da forma mediante a qual Pompéia se relacionava com o campo artístico, aqui e alhures.<sup>7</sup>

Sobre o desenho de Pompéia acima mencionado, é preciso que se diga que diversas foram as vezes em que Pompéia utilizou seu talento com o traço para provocar certos setores da sociedade de sua época. Nesta charge, Pompéia promove a via crucis do burro, que representa o *Diário de Campinas*, o “Messias da Asneira”, “Ecce Asinus”, cuja pregação eram coices, coices pelos quais foi crucificado.

O mesmo expediente, uma pequena história em quadrinhos que faz uma espécie de crônica de fatos prementes, bastante satírica, foi utilizado por Pompéia no evento do roubo das jóias da Coroa. Em charge publicada na *Revista Ilustrada*, Pompéia cria uma pequena história ridicularizando o chefe de polícia, Trigo de Loureiro, que usou barbas postiças e um disfarce em uma das diligências de sua investigação do roubo, mais tarde transformado em novela pelo mesmo Pompéia.

Assim, em grande medida é possível indicar que os esforços de Pompéia como cronista,

---

5 A ligação entre a expansão da imprensa e a formação de uma cultura visual moderna no século XIX é um tema de grande importância. Nesse tópico, cf. SANTOS, Renata. *A imagem gravada. A gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 185*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008; NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. Raul Pompéia e o jornalismo político e literário no séc. XIX. *Anais do SETA*, n. 3, 2009.

6 CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia. Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

7 Indiscutivelmente a identificação do universo imagético de Pompéia é um elemento fundamental para uma melhor compreensão de sua prosa crítica e ele pode ser identificado não só mediante as referências explícitas por ele feitas em suas crônicas sobre arte como igualmente em seus desenhos e ilustrações. É preciso considerar que grande parte dos elementos que viriam a formar a cultura visual da época, da qual Pompéia era caudatário, vem de imagens reproduzidas por meios técnicos (gravuras e fotografias).

como ator político ligado ao republicanismo e como artista tinham como finalidade maior a crítica da sociedade brasileira a partir de alguns dos pressupostos da chamada geração de 1870, destacando-se o anticlericalismo, o republicanismo e a defesa do realismo-naturalismo.<sup>8</sup> Não seria por obra do acaso que Pompéia criaria capas para as obras *Casa de Pensão*, de Aluísio de Azevedo e *Vergastas*, de Lúcio de Mendonça, autores que, além de amigos de Pompéia, eram representantes de sua geração, tanto do ponto de vista literário quanto político.

Como supramencionado, a trajetória de Pompéia é marcada por sua divisão entre a palavra e a imagem. Muitos dos seus comentadores destacam que essa ambiguidade fez não só que ele mantivesse ativo o seu interesse pelas artes visuais e pelas letras como transformasse a sua sensibilidade com a visualidade em recurso estilístico em sua prosa. Imaginação plástica traduzida em suas ricas e minuciosas descrições da paisagem carioca, presentes em *O Ateneu*, elemento destacado, entre outros, por Eugênio Gomes, que batizou essa característica de sua prosa de “olho-pintor”, elemento também sublinhado por Lúcia Miguel-Pereira.<sup>10</sup>

Antes de avançar, é preciso introduzir aqui um pequeno esclarecimento sobre a natureza dos escritos de Pompéia sobre arte. Ele era, antes de tudo, um cronista. Exerceu o ofício de narrar os acontecimentos da vida nacional, oscilando entre relatos poéticos sobre aspectos do seu cotidiano e duras discussões políticas nas páginas de diversos jornais. Assim, antes de um crítico de arte mais especializado, tal qual passaremos a encontrar de forma mais corrente nos jornais brasileiros ao longo do século XX, Pompéia escrevia crônicas sobre arte. Nestas, ora tomava o partido do crítico, emitindo juízos e apontando caminhos para a criação deste ou daquele artista, ora se limitava a noticiar as novas exposições que abriam as suas portas ao público.

Um bom exemplo disso é a crônica intitulada “Notas”, publicada na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 09 de setembro de 1888. Ali, Pompéia noticia duas exposições que eram abertas por aqueles dias ao público, avançando em uma avaliação dos trabalhos expostos. Cito a passagem abaixo, um pouco longa, mas cujo interesse justifica a sua extensão. Trata-se de uma parte da supracitada crônica onde Pompéia comenta a exposição de Pedro Weingaertner no estúdio fotográfico de Insley Pacheco, localizado na Rua do Ouvidor. Trata-se da segunda exposição de Weingaertner e de sua primeira individual. Dizia Pompéia:

Exposição Weingaertner, na galeria Pacheco.

Quadros de interior e de ar livre.

Os interiores são de primeira ordem, salvo alguma dureza de desenho em certas figuras. Surpreende

8 Sobre as polêmicas literárias e políticas que marcaram o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, cf. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. História cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

9 GOMES, Eugênio. Pompéia e a natureza. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. p. 258.

10 GOMES, Eugênio. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958; MIGUEL-PEREIRA, L. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Prosa de ficção: 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973; AVANCINI, José Augusto. O Ateneu: arte e história segundo o Dr. Cláudio. In; DECCA, Edgar Salvatori de e LEMAIRE, Ria (org). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas/Porto Alegre: Unicamp/Ed. da Universidade, 2000; \_\_\_\_\_. A paisagem em O Ateneu: a visão pictórica da natureza no texto de Raul Pompéia. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens*. Texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras/Casa de Ruy Barbosa, 2006; SILVA, Marciano Lopes e. O impressionismo romântico de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*. Human and Social Sciences. Maringá, v. 26, no. 1, p. 61-71, 2004.

a perfeição com que o artista distribui as perspectivas de colorido e a correção linear com que dispensa o atropelo inapreciável de todos os detalhes pitorescos.

Aquele espólio de artista curiosamente resolvido, violado pela indiscrição brejeira dos *berdeiros alegres*, é um mimo de agrupamento de pessoas e objetos. As atitudes são fáceis, acertadas e graciosas; os panos dobram-se admiravelmente; as fisionomias respiram alma, comunicando-se na atmosfera profunda sob os arcos pesados da arquitetura; a luz fulgura real em pontos perdidos, em ouros da mobília, reflexos de seda, verniz de mármore, destacando-se da tranqüila obscuridade do salão adentro, no desmancho da velha biblioteca de alfarrábios, pelas antigas paredes denegridas, testemunhas consternadas do vandalismo inventariante.

As telas de céu e paisagem não agradam tanto. Parece que as próprias figuras ressentem-se da deslocação do talento do artista, mais a gosto nas perspectivas limitadas. Não se destacam os planos de verdura, graduam-se pouco os tons de sombras, mesmo levando em conta a limpidez do dia italiano, de que nos mandou Henrique Bernardelli, não há muito, tão boas cópias.<sup>11</sup>

É importante observar alguns detalhes sobre essa crônica. A exposição de Pedro Weingaertner era uma primeira incursão do artista no ambiente da Corte, àquela altura dominado por nomes importantes das artes visuais brasileiras, como Vitor Meirelles, Rodolfo Amoedo, Antonio Parreiras, entre outros. Ela é comentada por Oscar Guanabary no jornal *O País*, de 04 de setembro de 1888; por Gonzaga Duque, no *Diário de Notícias* de 09 de setembro de 1888, e por Raul Pompéia, na *Gazeta de Notícias* de 09 de setembro de 1888.

Como sublinharam Paulo Gomes e Alfredo Nicolaiewsky, as críticas de Guanabary e Gonzaga-Duque eram, a primeira, entusiástica e a segunda, bastante reticente.<sup>12</sup> A crônica de Pompéia, não arrolada na análise dos autores, situa-se entre as duas citadas, uma vez que Pompéia procura destacar aspectos positivos dos interiores de Weingaertner, na mesma medida em que aponta algumas fragilidades de suas pinturas de paisagem, comparando-lhe a fatura aos trabalhos de Bernardelli, pendendo para o segundo.

Poder-se-ia ainda incluir um terceiro ângulo em sua relação com as artes plásticas: o ensino de artes no Brasil. Com a queda da Monarquia em 1889, a partir de janeiro de 1890 Pompéia passa a acumular a função de diretor da Escola de Belas Artes ao magistério da disciplina de Mitologia, que já exercia. Segundo Camil Capaz, no período em que permaneceu na direção da EBA, “ao lado dos irmãos Bernardelli e de Rodolfo Amoedo, trabalharia intensamente – redigindo novos estatutos e reformulando o currículo dos cursos – no sentido de arejar o ambiente da velha instituição, que dizia dominada por professores do antigo regime, infensos às novidades e estagnados num burocratismo esclerosado”.<sup>13</sup> É importante destacar que foi no final do século XIX e início do século XX que se operaram algumas das mais importantes reformas no ensino de artes no Brasil, ainda que em fase inicial da pesquisa seja

11 POMPEIA, Raul. Notas. *Crônicas 2. Obras vol. VII*. Rio de Janeiro: MEC/Civilização Brasileira, 1983. p. 120-21. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1888.

12 NICOLAIEWSKI, Alfredo; GOMES, Paulo; HERSKOVITS, Anico. *Pedro Weingaertner: Obra gráfica*. Porto Alegre, 2008.

13 CAPAZ, op. cit. p. 168.

difícil precisar em que medida Pompéia participou desse processo. Em crônica publicada no *Jornal do Comercio* de 20 de abril de 1890, ou seja, logo nos primeiros meses da República no Brasil, Pompéia discute longamente os efeitos do advento da República nas artes. Segundo ele, em breve seriam vistos os resultados na prosa, na imprensa e, elemento de maior importância neste texto, no ensino de artes. Ao falar da reforma da Academia de Belas Artes, afirma: “Aqui está o que se chama uma reforma urgente: a reforma da Academia”.<sup>14</sup>

Esse detalhe, a participação de Pompéia na reforma da Academia, assim como as suas preocupações com o ensino de artes no Brasil, torna ainda mais complexa a sua inserção no campo das artes no Brasil do oitocentos. Ajuda ainda a compreender alguns elementos que se mostrariam plenamente no século XX, tais como as relações dos críticos com os artistas e com a rede (política, social) que cerca esses atores.

É importante sublinhar esses aspectos pois, em que pese a mudança de panorama das pesquisas sobre as artes visuais brasileiras, os estudos sobre a produção crítica e artística nacional no século XIX ainda não ocupam um espaço de destaque. Como sublinhou Jorge Coli, a arte brasileira do século XIX foi, no mais das vezes, utilizada como contraponto ao século XX, servindo como exemplo de arte “ruim”. No que diz respeito à crítica de artes no Brasil do século XIX, não são muito diferentes disso as ressalvas dirigidas aos nossos primeiros críticos. Segundo José Roberto Leite,

Na verdade, o que faltava à crítica de arte brasileira de então, além de experiência visual apenas adquirível no convívio com grandes obras de arte de todos os tempos, gêneros e estilos, era um maior embasamento teórico, familiaridade com os problemas da Estética e da História da Arte. Atividade quase sempre de literatos, limitava-se a descrever com belas palavras o assunto das obras de arte, sem nunca ir além da simples transposição literária; ou então era ocupação de artistas frustrados, que se apraziam em apontar falhas de desenho, erros de anatomia etc.<sup>15</sup>

Ainda que Leite, entre mais de vinte autores elencados como praticantes da crítica de arte no final do século XIX, não tenha nem mesmo incluído o nome de Raul Pompéia, não sei se a caracterização feita por ele faria jus aos textos deste último sobre, por exemplo, a pintura de paisagem, tema de sua total preferência. Pompéia destacou, em uma crônica publicada no *Diário de Minas*, em 03 de fevereiro de 1889 a pintura de paisagem do chamado “Grupo Grimm”, cujos nomes mais conhecidos, além de Georg Grimm, são Antônio Parreiras e Castagneto, tecendo importantes relações entre aquilo que via com o que conhecia sobre a história da arte.<sup>16</sup> Em sua biografia de Pompéia, Eloy Pontes chega a sugerir que o autor possa ter sido um dos primeiros a escrever notas na imprensa brasileira sobre o Impressionismo, pouco após a sua eclosão em Paris.<sup>17</sup>

14 POMPÉIA, Raul. Aos Domingos, 20 de Abril de 1890. *Jornal do Comercio*, São Paulo, 20/04/1890. In: \_\_\_\_\_. Crônicas 2. Obras vol. VII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1983. p. 320.

15 LEITE, José Roberto Teixeira. A crítica de arte da Belle Époque. In: CAVALCANTI, Ana M. T.; DAZZI, Camila e VALLE, Arthur. *Oitocentos. Arte brasileira do Império à Primeira República*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2008.

16 LEVY, Carlos Roberto Maciel. *O Grupo Grimm. Paisagismo brasileiro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1980. p. 85.

17 PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 219.

Importa destacar que este trabalho filia-se a uma tendência de pesquisas sobre a história da arte e da cultura brasileiras que procura, antes de qualquer coisa, compreender as características centrais do Brasil do século XIX, deixando um pouco de lado a idéia de que o modernismo brasileiro teria promovido uma ruptura radical com tudo o que o precedeu. Como afirmou Mariela Hernández, “as mudanças mais significativas na visão do século XIX foram consequência da decisão de certos historiadores de estudar os fenômenos artísticos baseando-se em critérios que não favorecessem mais às vanguardas, propósito que se fez evidente a partir da década de 1970”.<sup>18</sup> Essa atitude em nenhuma medida sugere uma postura anti-vanguarda, mas significa um compromisso com a pesquisa histórica que crie bases para a pesquisa sobre as artes visuais e a cultura brasileira do século XIX.<sup>19</sup>

No presente texto procurei sublinhar, ainda que de maneira um tanto impressionista, características da atuação de Raul Pompéia no campo das artes visuais, tanto como artista quanto como crítico, ainda que tenha voltado mais minha atenção para à sua atuação como crítico/cronista das artes visuais de sua época. Uma leitura atenta dos escritos de Raul Pompéia sobre as artes por certo oferecerá mais uma peça para uma melhor compreensão do pensamento estético no Brasil oitocentista, e uma peça importante, dada a já conhecida ressonância e seus escritos sobre o público leitor de sua época.

Raul Pompéia não foi simplesmente mais um cronista. Em seus textos estão latentes as injunções entre a arte, a literatura e a política no Brasil da época, relações que ainda merecem ser melhor exploradas. Seus textos eram, no mais das vezes, textos de combate. Cumpre homenagear a força de suas críticas reconsiderando-as na tarefa, ora em curso, de repensar o desenvolvimento da crítica de arte no Brasil.

---

18 HERNÁNDEZ, Mariela Brazón. A historiografia da arte oitocentista e as revisões efetuadas durante as últimas décadas do século XX. In: CAVALCANTI, Ana M. T.; DAZZI, Camila e VALLE, Arthur. *Oitocentos*. Arte brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA/ UFRJ, 2008.

19 Nesse sentido, é mister sublinhar os esforços de um grupo de pesquisadores que são responsáveis por um enorme conjunto de esforços de divulgação da história das artes no Brasil do século XIX, grupo esse que traduz esses esforços em um sítio eletrônico com bases de dados e em uma revista acadêmica. Ver em: <http://www.dezenovevinte.net/>.